

Análise de crianças em tempos de pandemia: ecos no analista

*Analysis of children in times of pandemic:
echoes in the analyst*

Anna Lúcia Leão López

Resumo

O trabalho propõe pensar o lugar do analista na clínica *on-line* com crianças durante a pandemia da covid-19. Como o analista, nessa clínica, lida com suas vivências tão arcaicas, infantis, ou seja, os ecos no analista da clínica psicanalítica com crianças em tempos de pandemia. Para contribuir com a reflexão, são apresentados fragmentos clínicos articulados com contribuições de Dolto, Gutfreind, Lacan e Quinet.

Palavras-chave: Psicanálise com crianças, Pandemia, Extimidade, Atendimento *on-line*.

*Enfim, poder se refugiar com lucidez num canto do
sonho, nos momentos difíceis da vida, é um recurso
fundamental na saúde de cada criança e de todos nós*

CELSO GUTFREIND

Em 2021, durante o processo de construção do trabalho apresentado na XII Jornada de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção RJ, cujo tema foi “Para além da pandemia: ecos na psicanálise”, a autora e sua família foram atravessadas pela Covid-19.

Não foi preciso passar pelo momento da internação, porém os sintomas (febre, perda do olfato e paladar, cansaço, dores no corpo) foram intensos. Dores horríveis no corpo, vivência na pele das dores sentidas na pandemia. Parafraseando Margareth Dalcomo, estamos saindo dessa pandemia “com mais cicatriz do que pele” (SPCRJ, 2020). Foram dias de luta, nos quais o corpo era o campo de batalha, com muitos medos e fantasmas perambulando pela casa. Momentos de muita conversa com a criança que permanece em nós que, além de falar de morte, falava sobre Eros, renascimento, mudanças e sobre os acontecimentos dos anos 20 (1920 e 2020). É

essa vivência que atravessa, neste artigo, a reflexão sobre o analista de crianças na clínica *on-line* durante a pandemia.

Segundo Bick (*apud* VIDAL, 2017, p. 27), a clínica psicanalítica com crianças “impõe sobre o analista de crianças uma grande dependência de seu inconsciente, no entendimento dos significados de jogos infantis e do comportamento pré-verbal”.

Aqui ressaltamos a importância da análise pessoal na formação permanente do analista, uma vez que ela é um dos pés do tripé que sustenta o analista na sua poltrona. Análise que precisa ser revisitada ao longo do ofício da psicanálise, para o analista se manter nessa poltrona que, de acordo com Lopez (2019, p. 40), “não tem nada de confortável. Essa poltrona é desconfortável, é espinhosa”. É na análise pessoal que o analista pode encontrar a possibilidade de ocupar sua função suportando o desconforto.

A partir dessas reflexões e para pensar os ecos no analista da clínica psicanalítica *on-line* com crianças em tempos de pandemia da covid-19, serão apresentados fragmentos clínicos articulados com contribuições de Dolto, Gutfreind, Lacan e Quinet.

Clara, uma menina de 5 anos, chega à análise por um pedido dela. Ela queria falar sobre o seu “medo de cachorro” que “apareceu” na pandemia. No primeiro encontro, Clara fala claramente: “Anna, quero falar sobre os meus medos!” Foram várias sessões nas quais ela desenhava seus medos, criava histórias sobre eles e encenava. Mostrava fotos, livros e brinquedos de que gostava e através deles podia contar suas histórias. Aqui é importante afirmar: somos tecidos de histórias. Somos feitos essencialmente de mãe, pai e histórias. Como nos diz Gutfreind (2010, p. 20), “[u]ma palavra leva à outra, e o sentido se faz; quando se desfaz, já longe da mãe e do pai, é o (re)encontro de uma história que o refaz. E precisamos refazer sempre”.

Durante as sessões, participava a “boneca que tira medo de criança”, como Clara nomeava. Ela ficava presente, no encosto da poltrona da analista. Na tela, a boneca aparecia como se estivesse no ombro da analista. Era uma boneca de pano, em cujo avental estava escrito o nome da analista. Clara também tinha a sua boneca de pano com o seu nome no avental e permanecia com ela durante as sessões. Podemos pensar que as bonecas representavam a relação transferencial construída ao longo das sessões. As bonecas, analista-analisanda, ficavam presentes todo o tempo.

Clara cantava músicas e improvisava bastante. Destacamos aqui uma improvisação que foi muito importante para o seu percurso analítico, que dizia: “lá-lá-lá um caminho vou achar”. E foi através desse trabalho, os caminhos que ela foi podendo achar ao longo das sessões, que Clara pôde se deparar com o medo da perda do pai ao ser acometido pela covid-19. Pai e filha sobreviveram e caminhos foram encontrando. O cachorro não ameaçava mais.

Com a virada dos atendimentos presenciais para *on-line*, a clínica psicanalítica com crianças apresentou muitas dificuldades e exigiu muito trabalho pessoal do analista. Entretanto, Clara mostra que é possível o estabelecimento da relação transferencial na clínica *on-line* com crianças, que pode existir demanda de análise por parte da criança, com possibilidade de elaborações.

Quinet (2021) em *Análise on-line na pandemia e depois*, diz que o analista na análise *on-line* entra na intimidade do sujeito, na sua casa, onde tem suas coisas mais íntimas. No *on-line*, o sujeito abre a câmera e o analista está ali, e entra na sua intimidade. O autor traz à tona o conceito lacaniano que designa o lugar do objeto causa de desejo: a extimidade. É uma exterioridade íntima e uma intimidade externa. Esse lugar topológico do analista, dentro da casa do sujeito, mas com o exterior, que revela o lugar da extimidade, essa intimidade da própria causa de desejo, lugar onde deve estar o analista – uma exterioridade íntima.

Vale lembrar que não existe um modelo ou forma de atendimento no ofício do analista. Não existe receita! O analista utiliza esse dispositivo analítico da melhor forma possível, considerando a liberdade do ato e a interpretação, e atentando para o fato que o analista está subordinado à psicanálise. Essa liberdade é essencial, vai de acordo com o estilo de cada analista, e supõe um trabalho árduo na análise pessoal do analista. Por isso, Lacan ([1958] 1998) nos adverte no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, quando nos fala que o analista é livre em relação à tática da interpretação, menos livre em relação ao manejo da transferência e muito pouco livre em relação à política da falta-a-ser que orienta o tratamento. Nesse texto, Lacan ([1958] 1998, p. 624) diz: “observa-se que o analista, no entanto, dá a sua presença, mas creio que a princípio ela é implicação de sua escuta, e que esta é apenas a condição de fala”.

Aqui apresentamos outro fragmento clínico para a reflexão do lugar do analista na

clínica *on-line* em tempos de pandemia, de mortes, de lutos, de perdas. Rosa, uma analisanda, cronologicamente adulta como todos nós, retorna à análise enlutada pelo falecimento do pai por covid-19. É importante ressaltar que ela havia realizado um período de análise presencial antes da pandemia. Interrompeu no início da pandemia e retorna à análise *on-line* com “medo de tudo ser a última vez”.

Rosa, no seu trabalho de luto do pai, traz à tona sua criança, seu desamparo. Rosa passa pelo luto de um casamento que teve que ser adiado por causa da pandemia. E, em decorrência da morte do pai por covid-19, não o teria mais ao seu lado para entrar com ela na igreja.

Quinet (2021) diz que o sujeito do inconsciente não tem idade. O infantil em Freud se refere à própria estrutura do inconsciente, que é atemporal. E o desejo permanece estruturalmente com a marca infantil. Em nossa estrutura subjetiva, todos somos crianças. Na investigação analítica, descobrimos que a infância está o tempo todo presente em Outra cena.

Como diz o autor, o

[...] sujeito do Inconsciente está ali, a criança associa e, mesmo quando é analfabeta, como a criança pequena que não sabe ler e nem escrever, ela desenha, fala, comete atos falhos, tem sintomas, transferência e tudo mais, como numa análise de adultos (QUINET, 2021, p. 45).

Assim como Rosa, não sabemos quando vai ser a última vez. Dolto (2008) diz que morremos porque vivemos. A morte faz parte do próprio destino do ser vivo, e as crianças sabem muito bem disso. Morremos quando tivermos terminado de viver. Vivemos nossa morte, mas não assistimos a ela: nós a realizamos. Os corpos morrem. Mas enquanto houver pessoas que se lembrem deles com amor, eles não morrem.

Gilberto Gil, com sua arte, expressa em letra e música a reflexão de Dolto:

Não tenho medo da morte¹

Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer
Qual seria a diferença
Você há de perguntar
É que a morte já é depois
Que eu deixar de respirar
Morrer ainda é aqui
Na vida, no Sol, no ar
Ainda pode haver dor
Ou vontade de mijar

A morte já é depois
Já não haverá ninguém
Como eu aqui agora
Pensando sobre o além
Já não haverá o além
O além já será então
Não terei pé nem cabeça
Nem fígado, nem pulmão
Como poderei ter medo, hein
Se não terei coração?

Não tenho medo da morte
Mas medo de morrer, sim
A morte é depois de mim
Mas quem vai morrer sou eu
Derradeiro ato meu
E eu terei de estar presente
Assim como um presidente
Dando posse ao sucessor
Terei de morrer vivendo
Sabendo que já me vou

Aí nesse instante, então
Sentirei quem sabe um choque
Um piripaque, um baque
Um calafrio ou um toque
Coisas naturais da vida
Como comer, caminhar
Morrer de morte matada
Morrer de morte morrida
Quem sabe eu sinta saudade, hein
Como em qualquer despedida

1. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=HO1manZ2wek>.

Como último fragmento clínico, apresentamos Golias. Um menino de 10 anos. Ele pede aos pais para retornar a análise por causa do “separamento” (como ele mesmo chama a separação dos pais): “quero voltar a conversar com a Anna”. Vale destacar que, no ano 2018, ele esteve em análise com a autora trabalhando questões sobre a sua mudança de cidade e de colégio.

Nesse segundo tempo de análise, mergulhos analíticos são feitos por Golias. Destacamos:

A vida é uma série! Me sinto uma peça, usado no ‘separamento’. Juntos eles sabiam me fazer feliz, separados eles não conseguem! O que responder quando eles perguntam se estou triste ou alegre? Eu decido o que me faz feliz. Me vejo pequeno e minha mãe me vê grande.

Segundo Dolto (2005, p. 265), as “crianças estão na fonte do saber. São metafísicas. Seres que apresentam as verdadeiras questões. Como os pesquisadores, elas procuram respostas”.

Golias, ao longo das sessões, expressa o desejo de ser escutado, por isso solicita novamente o seu espaço de análise. Dolto (2005, p. 323) ressalta que “os adultos querem compreender as crianças e dominá-las. Eles deveriam escutá-las”. Podemos escutar Dolto. As crianças nos apresentam questões profundas sobre nós mesmos. Por isso, é necessário estudar cada criança, descobrir qual a natureza dela e ajudá-la a superar da melhor maneira possível sua dificuldade.

Sem a pretensão de concluir, mas principalmente de instigar reflexões, trazemos novamente Gutfreind (2010, p. 14), que nos diz: “Para escutar crianças, é preciso parar de correr e, principalmente, de ter medo da própria infância”.

Abstract

The work proposes to think about the analyst's place in the online clinic with children during the covid-19 Pandemic. How the analyst, in this clinic, deals with his experiences so archaic, childish, that is, the echoes in the analyst of the psychoanalytic clinic with children in times of pandemic. To contribute to the reflection, clinical fragments articulated with contributions from Dolto, Gutfreind, Lacan and Quinet will be presented.

Keywords: *Psychoanalysis with children, Pandemic, Extimacy, On-line child care.*

Referências

DOLTO, F. *A causa das crianças*. Tradução: Ivo Storniolo e Yvone M. C. T. da Silva. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

DOLTO, F. *Quando os filhos precisam dos pais*. Tradução: Claudia Berliner e Marcia Valeria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUTFREIND, C. *Narrar, ser mãe, ser pai e outros ensaios sobre a parentalidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 591-652. (Campo Freudiano no Brasil).

LOPEZ, A. L. L. As diversidades da clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 52. p. 37-43, dez. 2019.

QUINET, A. *Análise online: na pandemia e depois*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2021.

SPCRJ. XXIII JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ - 2ª Mesa: Psicanálise e Medicina. YouTube, 09 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wbwxYD9LCZ4>. Acesso em: 29 out. 2022.

VIDAL, M. *Método de observação de bebês modelo Esther Bick: o ensino da contratransferência para psicanalistas e psicólogos*. Curitiba: Juruá, 2017.

Recebido em: 10/06/2022

Aprovado em: 26/07/2022

Sobre a autora

Anna Lucia Leão Lopez

Psicanalista, membro efetivo, supervisora clínica e professora do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva - Círculo Brasileiro de Psicanálise - seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Coordenadora do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsI).

Curso de Observação de Bebês (Modelo Esther Bick) – Ministrado e Supervisionado por Maria da Conceição Davidovich (2018-2019).

Presidente CBP-RJ (2004-2006; 2006-2008; 2018-2020; 2020-2022).

Musicista pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário.

Especialista em psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Especialista em educação psicomotora pelo Centro Universitário do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR).

Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ.

E-mail: annalucia2004@gmail.com

